

# Ela viu 146 mulheres arderem vivas

written by Vitor Lima | 15 de Novembro, 2025



Frances Perkins jamais esqueceu o que presenciou naquele dia. Em 1911, assistiu a 146 mulheres, muitas ainda adolescentes, a arderem dentro de uma fábrica cujas saídas haviam sido trancadas pelos donos. Morreram queimadas porque “era preciso evitar roubos” e “pausas não autorizadas”. Viu os corpos a despenharem-se do nono andar, a embaterem no chão como trovões repetidos. E prometeu a si mesma: “Isto não voltará a acontecer.”

Mas a história de Frances começa antes do incêndio.



Frances Perkins. Direitos Reservados

Quando criança, perguntava-se por que razão pessoas boas viviam na miséria. O pai respondia: “Porque são preguiçosas, porque são fracas.” Mesmo menina, Frances sabia que aquilo não correspondia à verdade.

Na universidade de Mount Holyoke, estudava física – um caminho respeitável, previsível, adequado para uma mulher. Até que uma visita escolar a uma fábrica mudou tudo. Deparou-se com meninas exaustas, curvadas sobre máquinas, a inalar poeira, a trabalhar doze horas por dia, seis dias por semana. Testemunhou dedos arrancados, pulmões destruídos, vidas inteiras consumidas pelo lucro alheio. E compreendeu: o conhecimento não serve de nada se não for usado para proteger a dignidade humana.



Frances Perkins. Direitos Reservados

Abandonou o destino “seguro” de esposa e professora de piano dos filhos dos ricos. Concluiu um mestrado em Economia e Sociologia em Columbia, escrevendo sobre a fome e a miséria em Hell’s Kitchen. A família ficou horrorizada “as moças de bem” não estudavam a pobreza, muito menos viviam entre os pobres. Frances não se importou. Prosseguiu.

Em 1910, tornou-se secretária executiva da Liga dos Consumidores de Nova Iorque. Investigava fábricas, denunciava abusos, defendia leis de protecção aos trabalhadores. Testemunhava perante comissões legislativas uma jovem mulher, serena e firme, a dizer a homens poderosos que as suas fábricas estavam a matar pessoas. Odiaram-na. Ela continuou.



Frances Perkins. Direitos Reservados

Então deflagrou o incêndio na Triangle Shirtwaist Factory. Dez andares de fogo, fumo e gritos. Frances viu as jovens a morrerem por causa da ganância e, no dia seguinte, começou a lutar para mudar o país.

Nomeada para a comissão de investigação, não se contentou com relatórios. Redigiu novas leis: saídas de emergência desbloqueadas, limites às horas de trabalho, inspeções de segurança, sistemas de sprinklers, um dia de descanso semanal. Os industriais gritaram “excesso de Estado”, “catástrofe para os negócios”. Frances respondeu com provas, dados e as fotografias dos corpos carbonizados. E venceu.



Nova Iorque tornou-se modelo nacional. Outros estados seguiram o exemplo. Os locais de trabalho mudaram, não de forma perfeita, mas irreversivelmente.

Por isso, passou a ser conhecida como “a mulher mais odiada pela indústria americana”. Troçaram do seu chapéu preto, do fato simples, do semblante sério. Chamaram-lhe comunista, solteirona, inconveniente. Ela apenas respondia: “Não estou aqui para enfeitar. Estou aqui para trabalhar.”

Em 1933, Franklin D. Roosevelt enfrentava a Grande Depressão. Convocou Frances Perkins para Secretária do Trabalho, a primeira mulher na história dos Estados Unidos a ocupar um cargo ministerial. Ela aceitou, mas impôs as suas condições. Entregou a Roosevelt uma lista:

- Semana de 40 horas
- Salário mínimo
- Abolição do trabalho infantil
- Subsídio de desemprego
- Reforma para os idosos

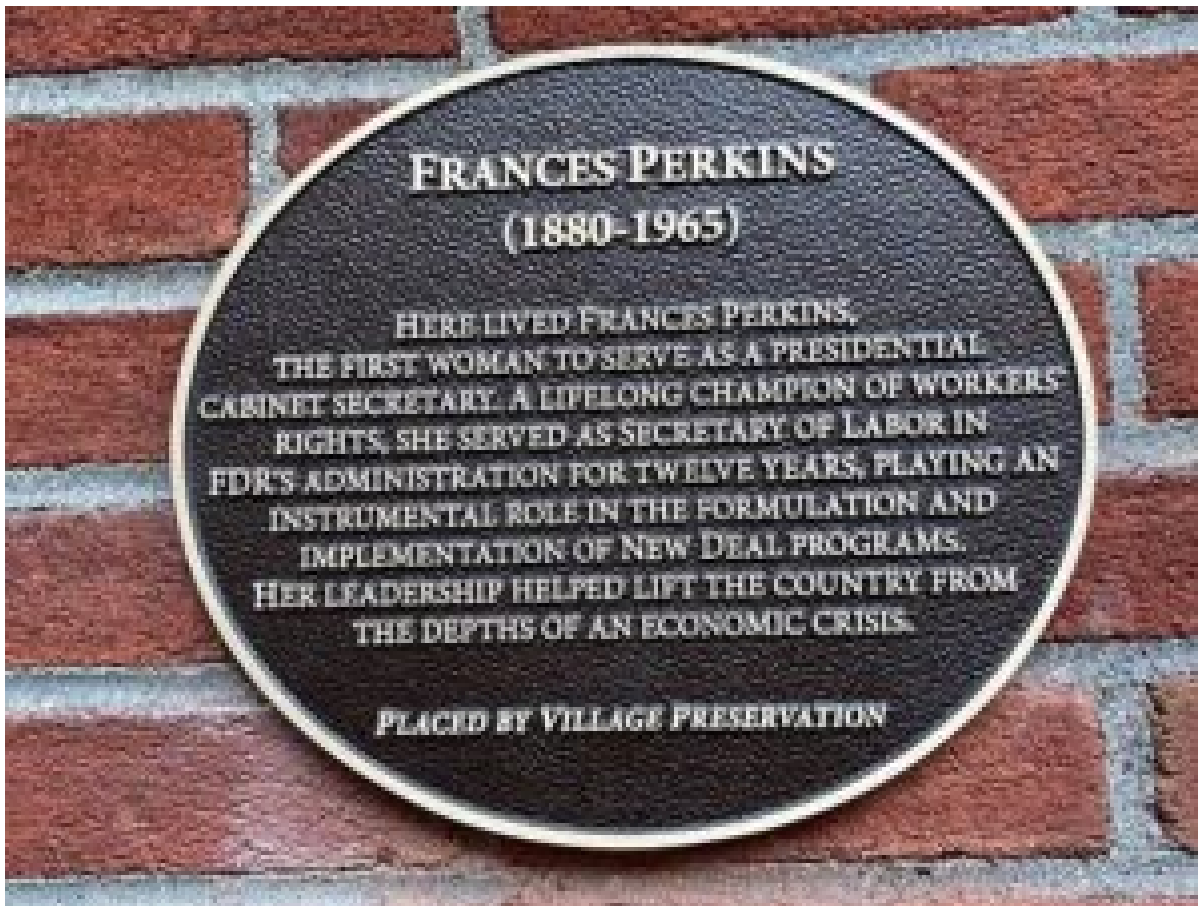


Frances Perkins. Direitos Reservados

Roosevelt hesitou: “Sabe que isto é impossível.” Ela respondeu: “Então procure outra pessoa.”

Ele não procurou. E Frances transformou o impossível em realidade.

Durante doze anos, o mandato mais longo de qualquer Secretário do Trabalho – ergueu os pilares da justiça social americana: o Social Security Act (1935), que garantiu reformas e apoio aos desempregados; e o Fair Labor Standards Act (1938), que instituiu a semana de 40 horas, o salário mínimo e a proibição do trabalho infantil.



Milhões de trabalhadores foram protegidos. E o país mudou para sempre.

Frances viveu o suficiente para ver o mundo que ajudou a construir. Recusou a riqueza, recusou o conforto. Ensinou, escreveu, inspirou. Morreu em 1965, aos 85 anos – discretamente, como vivera.

Poucos recordam o seu nome. Mas sempre que alguém recebe horas extraordinárias, tem uma saída de emergência ao alcance ou se reforma com dignidade, é a voz de Frances Perkins a ecoar na história.

*Fontes:*

*Website:*

*<https://guides.library.cornell.edu/KheelDigitalCollections/TriangleFire>;*

*Frances*

*Perkins*

*Center:*

*<https://francesperkinscenter.org/>; OSHA: Documentação sobre o incêndio e seu impacto*

Vítor Lima